
Carlos Fortuna (organizador),
Cidade, Cultura e Globalização
(Ensaios de Sociologia). Oeiras,
Celta Editora, 1997, viii+275 pp.

Depois de um século de rápida urbanização as cidades estão de volta. Com o intenso crescimento das suas dimensões físicas e o aumento do número dos seus habitantes, as cidades perderam a capacidade de controlar a sua expansão em virtude do ímpeto da industrialização que fez com que o crescimento das cidades se orientasse por imperativos económicos. Ao mesmo tempo, à medida que devoravam novos espaços, as cidades viam o desenvolvimento urbano tornar-se accidental, na medida em que o seu crescimento era cada vez mais determinado por forças externas. Com a globalização e a desintegração do Estado-nação muitas cidades parecem querer reasumir o seu papel cultural enquanto forças civilizacionais. Para tal as cidades vêem-se obrigadas a abandonar as estratégias de desenvolvimento de carácter reactivo e a substituí-las por estratégias pró-activas. O sucesso desta transição parece assentar na transformação da cultura. Assim, o desafio mais pungente que se coloca às cidades é o de enfrentarem a sua história, de questionarem e transformarem a sua identidade. «Não só os indivíduos, homens e mulheres, transformam a sua identidade. Também as cidades o fazem». Esta afirmação, retirada da página 22 da obra aqui recenseada, traduz a ligação que há entre os 12 ensaios que a colectânea reúne. *Cidade, Cultura e Globalização* é uma obra que questiona a

mudança de estatuto da cidade no contexto da globalização e que procura caracterizar essa mudança a partir da transformação da cultura urbana. Mais do que um livro sobre cidades, *Cidade, Cultura e Globalização* é um livro que recupera a cidade como tema da sociologia urbana. Em tempos de globalização, a cidade reaparece como força civilizacional sendo, acima de tudo, configurada e movida pela cultura. Os três termos que o título contém resumem, no essencial, aquilo que é tratado e articulado no texto. A introdução da obra (que com as suas 28 páginas é mais que uma mera apresentação, uma vez que procura caracterizar a natureza das cidades enquanto lugares que promovem uma experiência da diversidade através da difusão de uma cultura urbana) visa mostrar que os espaços, por si sós, não criam identidade. No seu papel de força civilizacional, a cidade está dotada de uma territorialidade forte. O que faz a cidade é o seu papel cultural, e este é moldado pelos seus particularismos, pelas figuras e protagonismos sociais a que dá origem, pelas trajetórias e estilos de vida que faz emergir, pelos conflitos e oportunidades de emancipação que permite e, em suma, pelo florescimento de novas subjectividades e formas de sociabilidade. Da cidade medieval à cidade dos nossos dias, passando pela cidade moderna e pela cidade da industrialização, de Weber a Engels, de Sombart a Simmel, passando por Benjamin, Park e Wirth, Carlos Fortuna percorre, na introdução do livro, as diferentes composições cidadinas que foram dando forma às práticas sociais que o desenvolvimento da cultura urbana foi materializando. Neste

percurso é evidenciado o papel político-cultural das cidades e o modo como estas se assumem, ao mesmo tempo, como tragédia e como esperança da civilização.

É nesta ambivalência que reside o fascínio do estudo da cidade. Simmel deixou-se enredar por este paradoxo e a descrição sócio-afectiva que o pensador alemão faz da metrópole é fortemente marcada por essa dualidade do papel civilizacional das cidades. Estas são, para Simmel, o suporte de um desenvolvimento pessoal sócio-afectivo marcado por contradições evidentes, ambiguidades profundas, emoções fortes e pela obrigatoriedade de fazer escolhas. A construção da individualidade e a afirmação das subjectividades afirmam-se, pela mão de Simmel, como um dos elementos centrais da cultura urbana. A inclusão de *A Metrópole e a Vida* do Espírito, de Georg Simmel, enriquece claramente esta colectânea, uma vez que é considerado um dos textos fundadores da cultura urbana.

Além do texto de Simmel esta colectânea reúne duas referências obrigatórias da sociologia urbana e dos estudos disciplinares sobre as cidades: o texto de Louis Wirth *O Urbanismo como Modo de Vida* e o texto de Walter Benjamin *Paris, Capital do Século XIX*.

O texto de Wirth adquiriu um valor referencial notório porquanto, com esse ensaio, o sociólogo americano reservou um lugar para as ciências humanas no domínio do urbanismo, das técnicas de planeamento e do ordenamento do espaço. O mérito do ensaio de Wirth, apesar das críticas que lhe possam ser feitas, está em demonstrar que não se pode fazer urbanismo sem uma análise sociológica que possibilite a elaboração de cenários de antecipação que permitam equacionar as incidências futuras. Para Wirth, a cidade é uma entidade que resulta de um efeito tripartido entre a dimensão (demográfica), a densidade (das relações sociais) e a heterogeneidade (de tipos sociais). A combinação destes três efeitos leva à individualização da vida

social, à diminuição da solidariedade e à segmentação dos papéis sociais. A cidade torna-se, por essa via, uma experiência da complexidade e a compreensão desta complexidade é o contributo que a sociologia pode dar ao urbanismo.

O berço desta complexidade são as cidades do século XIX, altura em que, por via da industrialização, a vida estável e o sentimento de segurança pessoal e colectiva das cidades são profundamente abalados. O indivíduo sucumbe à febre e ao turbilhão da produção e o quotidiano torna-se não só complexo, mas sobretudo irracional. O século XIX é simultaneamente visto como uma das épocas mais gloriosas das cidades, por estar na origem do desenvolvimento de novas oportunidades individuais e colectivas, e como uma das suas épocas mais nefastas, por ter destruído e paralisado a cultura urbana. Ninguém melhor que W. Benjamin registou e caracterizou esta contradição, bem patente no seu *Paris, Capital do Século XIX*. As cidades do século XIX são cidades saídas da Revolução Industrial. Ainda mais profundamente que a Revolução Política em França, a Revolução Industrial alterou incomensuravelmente as representações do mundo. O século XIX, e Paris simbolicamente, representam o culto e o afã das invenções. As invenções que Benjamin retrata em Paris, enquanto símbolos embrionários da cultura urbana moderna, exercem tamanha influência sobre a sensibilidade, os impulsos e a ansiedade dos indivíduos, que somos, ainda hoje, incapazes de compreender o modo como elas afectaram a natureza íntima dos sujeitos. Paris do século XIX é uma cidade de metamorfoses e de novas oportunidades, e com Benjamin descobrimos o que representam essas oportunidades.

Mas o mérito da inclusão dos textos clássicos estende-se muito para além do facto de, pela primeira vez, terem sido traduzidos em Portugal. Na verdade, o verdadeiro interesse destes textos reside no facto de, con-

frontados com os restantes ensaios da colectânea, permitirem perceber a cultura como elemento fundador e como factor de transformação da cidade. O efeito criado pelo confronto entre textos escritos em épocas diferentes confere ao livro um interesse ímpar no conjunto dos trabalhos publicados em Portugal no domínio da sociologia urbana e das cidades.

Os 3 textos que se seguem aos escritos dos autores clássicos são um exemplo de como esse confronto é frutífero e cientificamente cativante. Os ensaios de Mike Featherstone (*Culturas globais e culturas locais*), de Laura Bovone (*Os novos intermediários culturais*) e de Alan Warde (*Intermediação cultural e alteração do gosto*) revelam, tal como os clássicos, que sempre foi menos importante conhecer as condições de crescimento e acumulação da cultura do que compreender a sua verdadeira estrutura e o modo como actua. Neste sentido, retiramos deste confronto dos textos clássicos com os ensaios reunidos pelo organizador que o aspecto e a própria identidade morfológica das cidades (para não falarmos na sua alma e no seu espírito) não podem ser explicados por razões meramente sociais e económicas. Perceber as cidades como força civilizacional é entendê-las como organismos humanizados pelas sensibilidades e forças culturais dominantes em cada época e pelos valores e imagens que difundem.

A terceira parte da obra, intitulada *Cidades e Globalização*, abre com um texto de Eric Corijn e Sabine van Praet denominado *Capitais europeias da cultura e políticas de arte: o caso de Antuérpia 93*. A primeira frase deste texto [«Os desenvolvimentos urbanos mais recentes não podem ser totalmente compreendidos no âmbito do Estado-nação, uma vez que se relacionam com um sistema mais vasto: a sociedade global»] resume muito claramente aquilo que é tratado nesta última parte da obra. As cidades, bem como as suas imagens e identidades, projectam-se à escala global

recuperando e recriando aquilo que nelas há de mais especificamente local. Nesta projecção global de uma imagem, na construção de uma dimensão simbólica forte, o título de «Capital europeia da cultura» pode ser comparado às invenções que Benjamin caracterizou. Trata-se, em ambos os casos, de acontecimentos que permitem a cada época, a cada cidade, sonhar o seu futuro, mas trata-se sobretudo de gerir contradições e oportunidades inerentes às mais diversificadas dicotomias que balizam a construção das identidades das cidades: o novo e o antigo, a austeridade e o luxo, a arte e a mercadoria, os grandes eventos e a vida quotidiana, o público e o privado, a realidade e a alegoria, a ordem e a desordem.

«Cada época, com efeito, não sonha apenas com a seguinte, mas procura, no seu sonho, arrancar-se ao sono» (Benjamin, p. 77). Libertar-se da letargia é algo que muitas cidades estão a procurar fazer reconvertendo a sua identidade. Se o fazem recorrendo à imagem de «Capital europeia da cultura», como o caso estudado de Antuérpia, ou à imagem de «Cidade património mundial», como no caso de Évora (analisado por Carlos Fortuna no capítulo 12, intitulado *Destradição e imagem da cidade*), isso depende dos particularismos de cada cidade e das suas capacidades em se aproveitarem desses particularismos para inventarem o seu futuro num quadro de competição global intercedidas.

Os textos de Hans Mommaas (*Modernidade, globalização e crise do modernismo social*), de Justin O'Connor e Derek Wynne (*Das margens para o centro*) e de Robert G. Hollands (*As identidades juvenis e a cidade*) retratam exemplos que são sociologicamente sedutores se partirmos da ideia defendida por Wirth no ensaio publicado nesta obra, segundo a qual a cidade se vai tornando uma experiência de complexidade que a sociologia pode ajudar a compreender.

Mas o fascínio sociológico destes textos

alarga-se ainda mais se os confrontarmos com as análises que Simmel e Wirth fazem da cidade. Com efeito, trata-se de ensaios onde é bem evidente o modo como a cidade, em geral, e determinados espaços e tempos urbanos, em particular, se tornam o suporte de um desenvolvimento pessoal sócio-afectivo. A construção da identidade individual é feita por referência à cultura urbana e esta, por sua vez, é o resultado das estratégias de afirmação das subjectividades individuais. Ao relacionar a cidade com as identidades juvenis, Hollands procura, justamente, mostrar que o uso e a apropriação do espaço urbano potenciam a exibição e a reconfirmação de identidades, num cenário de um envolvimento sócio-afectivo profundo entre o indivíduo e a cidade. Também o texto de António Arantes sobre São Paulo (*A guerra dos lugares*), desde logo ilustrativo do modo como a cidade se torna uma experiência de heterogeneidade, é um bom exemplo de como podemos continuar a olhar a realidade

urbana à maneira de Simmel. É na cidade que podemos procurar a formação de sociabilidades, a afirmação de contradições e, em suma, a multiplicação de trajectórias que fazem dessa mesma cidade uma experiência individual e a tornam, com os seus contrastes paradoxais, a esperança e a tragédia da civilização.

Carlos Fortuna oferece-nos em *Cidade, Cultura e Globalização* uma obra de referência da sociologia urbana e das disciplinas afins, que vem contribuir para atenuar o *déficit* de investigação e de publicação neste domínio em Portugal. A riqueza e o valor heurístico desta obra não poderão nunca ser devidamente valorizados no espaço de uma recensão. Contudo, há que sublinhar que o contributo mais importante desta colectânea de ensaios é o de convidar à reflexão numas das áreas em que a imaginação sociológica em Portugal menos tem feito incidir a sua atenção.

Paulo Peixoto